

# Sarney põe fardão

3 JUL 1985

## e saúda o assessor

### Vilaça na Academia

Com a faixa presidencial sobre o fardão, o Presidente da República, José Sarney, também acadêmico, saudou ontem o novo imortal da Academia Brasileira de Letras, Marcos Vinícios Rodrigues Vilaça, um de seus assessores e que passou a ocupar a cadeira 26 da ABL, que pertenceu ao poeta Mário Mota.

O discurso de Vilaça, de exaltação ao seu antecessor, constou de 31 folhas datilografadas em espaço dois. A solenidade, que deveria iniciar-se às 21h, atrasou 20 minutos. Apesar da distribuição de cerca de 2 mil convites e de o lugar só comportar 280 pessoas, não houve tumulto à porta. Antes da posse de seu assessor, fora da agenda oficial, Sarney inaugurou no novo prédio da ABL — aberto para manifestações culturais — a Feira do Livro Judaico, uma promoção da Federação Israelita do Rio de Janeiro.

Como aconteceu em todas as solenidades que presidiu no Rio, Sarney e sua comitiva também se deslocaram de ônibus — um frescão — para a posse de Vilaça na Academia Brasileira de Letras. O Presidente da República, ao desembarcar, notou uma pequena aglomeração à porta da ABL. Eram artistas que protestavam, portando cartazes, contra a transformação da associação da classe em sindicato. É que interessa a eles continuar filiados ao Sindicato dos Artistas. Sarney, passo firme, passou em meio ao grupo e não foi hostilizado.

Todo o Governo, praticamente, assistiu à solenidade da ABL. Josué Montello — ele promoveu junto com Rachel de Queiroz a candidatura de Vilaça, eleito em primeiro escrutínio — entregou o colar de acadêmico ao novo imortal, que recebeu a espada das mãos do deão, Barbosa Lima Sobrinho.

Pela primeira vez na história da Academia um Presidente da República fez a saudação de um novo imortal. Sarney falou como acadêmico, destacando que se lhe perguntassem qual foi a sua alegria mais clara ao longo da vida, responderia que “foi o dia em que fui eleito para esta casa”. E acrescentou: “O único momento da minha vida em que a vaidade me fez pecar”.

— Aqui — afirmou — é a glória que não passa. Aqui não existe dívida externa e nem interna.

O Presidente da República salientou, ainda, que “as academias não inventam, não fazem escritores menores ou maiores. Os escritores sim é que inventaram. As academias nada têm a dar-lhes além do reconhecimento dos valores e dos poderes do convívio”.

— Mas, se a política e as letras aqui se irmanam, convém acrescentar que a política só abre caminho a esta eminência se traz consigo a impregnação das letras. Perguntemos a Joaquim Nabuco por que chegou até aqui. E a João Neves da Fontoura. E a José Américo de Almeida. E a José Carlos de Macedo Soares. Todos eles tiveram para com as letras a sensibilidade adequada — disse Sarney.

Numa referência direta ao novo acadêmico, Sarney afirmou:

— Senhor Marcos Vilaça. Esta é a sua grande noite. Há no salão evocações de Olinda, flores do Encanta-Moça, o Deus Gilberto Freyre, areais de Boa Viagem e o altar da Igreja de São Pedro. E como sons de eternidade os versos de Manuel Bandeira, orquestrados numa banda de pífaros, de Nazaré da Mata, de farda nova e alegrias nos olhos: “Com dez anos vim para o Rio. Conheci a vida em suas verdades essenciais. Estava maduro para o sofrimento. E para a poesia”.